

HIGH FIDELITY, NO CINEMA E NO TEATRO

Alessandra Maria Dutra dos Santos

“ Eu ouvia música pop porque era infeliz?
Ou era infeliz porque ouvia música pop?”

Cinema e teatro são linguagens possíveis utilizadas para representar uma realidade. Essas duas linguagens, que guardam entre si semelhanças e diferenças, nos permitem ver e ouvir, traduzidos em imagens, textos que seriam apenas lidos. Cada uma delas, apresenta à sua maneira leituras da vida cotidiana, utilizando técnicas e instrumentos adequados aos objetivos de uma ou outra proposta.. Em *Alta Fidelidade* e *A vida é cheia de som e fúria* temos um exemplo das possibilidades de leitura de uma obra literária. Baseadas no romance de Nick Hornby, intitulado *High Fidelity*, as duas leituras “beberam na mesma fonte”, porém cada uma delas procurou adequar a forma romance aos seus objetivos de interpretação e ao tipo de arte para a qual a história foi transposta, respeitando os limites de tempo, espaço e ritmo da narrativa. Não cabe aqui analisar qual das duas adaptações foi a mais feliz, a mais fiel ao espírito de Nick Hornby ou que provocou maior interesse do público, mas sim o trabalho de construção/adaptação das duas linguagens para transformar um romance em filme ou em peça de teatro, e a forma como o público de Belo Horizonte recebeu as duas propostas.

O V Festival Internacional de Teatro Palco e Rua – FIT-BH/2000 trouxe de Curitiba para Belo Horizonte o espetáculo *A vida é cheia de som e fúria*, montagem da Sutil Cia. de Teatro. Incluído na programação do FIT-BH 2000, o espetáculo da companhia paranaense, que já havia feito sucesso nos palcos do Rio de Janeiro e São Paulo, era aguardado pelos belo-horizontinos e contou com toda a divulgação disponibilizada para o Festival, cumprindo uma temporada de casa cheia em todas as apresentações. Foi assim que a versão espetacular do romance de Nick Hornby chegou a Belo Horizonte. Diferentemente da pompa que marcou

a chegada da versão espetacular, a adaptação cinematográfica americana do romance de Hornby, dirigida por Stephen Frears, “aterrissou”, em Belo Horizonte, com a pouca divulgação que é dada às estréias cinematográficas. Nesse sentido, a expectativa em relação à chegada do espetáculo teatral foi maior, visto que o Festival só acontece de dois em dois anos e sempre há uma ansiedade do público em conhecer os espetáculos selecionados. Ainda que não se concorde com a inclusão de todos eles, pois sempre há espetáculos que não conseguem agradar a grande maioria, é inegável que o simples fato de estar incluso em um festival já o faz merecedor de algum crédito, ainda que seja para criticar a sua escolha. Já o tratamento dado às exibições cinematográficas, embora seja também objeto de algum tipo de seleção, não acontece da mesma forma. Sendo assim, a forma como a obra literária chegará ao público, como filme ou como texto espetacular, já aponta para uma diferença de tratamento dada não só por seu adaptador, mas principalmente pelo público.

A passagem do romance de Nick Hornby, *Alta Fidelidade*, por Belo Horizonte foi meteórica. Após a temporada da peça e a exibição do filme nos cinemas, pouco se falou no inglês Nick Hornby, ou em seu Rob Fleming/Gordon. Na Europa, tanto *Alta Fidelidade* quanto os outros romances de Hornby: *Febre aos 90°*, *Um grande garoto* (adaptado também para o cinema) e o mais recente, *Como ser legal*, se tornaram best sellers. Em cada um deles, Nick Hornby enfatiza uma determina paixão (pelo futebol, pela música pop, por mulheres, etc), revelando, através de seus personagens, que o sentido da vida do ser humano se encontra nas coisas de que ele gosta, às quais se mantém fiel. Desta forma, Hornby demonstra não só o apego do indivíduo às coisas materiais e estáveis e uma certa dificuldade em lidar com o ser humano, cuja instabilidade torna imprevisível suas ações e reações, mas revela também um aspecto do mundo moderno cuja própria dinâmica transforma o perene em fugaz. Nesse sentido, os indivíduos deixam de acreditar e apostar no futuro e, principalmente, em relações duradouros, pois o mundo se tornou um ambiente de fugacidade e de incertezas.

Alta Fidelidade conta a história de Rob Fleming, homem de aproximadamente trinta e cinco anos que, após o rompimento do namoro com Laura, resolve fazer uma auto análise de sua vida. No entanto, Rob não procura um terapeuta preferindo fazer daqueles dispostos a dividir com ele algum tempo (leitores e espectadores de cinema e teatro) seus confidentes. A história se passa em flashback, marcada por muita música pop, que é uma das paixões de Rob, dono de uma loja de discos raros, todos de vinil. Na loja, Rob tem a companhia de Barry e Dick, amantes de música pop que têm a mania de fazer listas das cinco melhores e/ou piores coisas. Cinco melhores canções para se escutar na segunda-feira, pela manhã, cinco melhores canções para um velório, cinco piores momentos da vida, cinco piores foras de namoradas, etc. Como afirma Rob, em determinado momento do filme, “ Há muito tempo, Dick, Barry e eu concordamos que o que importa mesmo é do que você gosta. Não o que você é. Livros, discos, filmes. Essas coisas importam. Podem me chamar de superficial. É a verdade.”

Rob Fleming é um retrato de uma geração que nos anos 80 passou a maior parte da adolescência escutando música pop e cujo estado natural é a melancolia. O tema abordado por Hornby ganha foros universais e não é à toa que seu livro se tornou um best sellers, entrando para a lista dos mais vendidos em vários países.

A adaptação de *High Fidelity* para o cinema e para o teatro permitiu a dupla recriação de uma obra literária. No lugar onde havia apenas o romance de Hornby, a tradução para outros sistemas semióticos permitiu que fossem criadas mais duas obras. Na adaptação de Felipe Hirsch, diretor de *A vida é cheia de som e fúria*, a música assume um papel fundamental, chegando a ser em determinados momentos uma personagem. É a música que interrompe o monólogo de Rob, tirando-o de seu momentâneo isolamento, é ela quem algumas vezes fornece respostas enquanto os outros personagens que deveriam conduzir o diálogo permanecem calados. A liberdade da imaginação humana presente na obra literária pode parecer, inicialmente, um entrave para o trabalho de adaptação para o palco. No entanto,

Hirsch conseguiu resolver em parte os problemas dessa limitação utilizando recursos cinematográficos. Para resolver o problema dos flashbacks, Hirsch colocou no palco uma cortina finíssima, onde era projetado um vídeo contando o passado de Rob. Felipe Hirsch não traduziu a história para o contexto brasileiro, conservando o mesmo clima londrino e os mesmos nomes de personagens constantes na obra de Hornby. Nesse sentido, a obra de Hirsch manteve uma “alta fidelidade” ao romance de Hornby. No entanto, mesmo mantendo esse tom londrino, os espectadores de Belo Horizonte, presentes no FIT/2000, se identificaram com a personagem por uma razão ou outra.

Na adaptação de John Cusack, Rob é transportado de Londres para Chicago. Em Londres, Chicago ou no Brasil, o drama do protagonista permanece o mesmo. Rob procura na música o que não conseguiu realizar em sua vida privada. Tanto na loja quanto na boate, onde trabalhou como "DJ", Rob consegue conquistar as mulheres com seu bom gosto musical, porém não sabe como administrar um romance duradouro. Talvez pelo fato de tudo na sua vida se basear no tempo de uma canção, rápida, suave, envolvente sem causar muita turbulência.

Modificando ou mantendo-se fiel à obra de Hornby, as duas leituras conseguiram transmitir todo o desencantamento de Rob em relação ao futuro. Rob não quer amadurecer e age de maneira infantil, apegado a seus discos raros como uma criança que não se separa de seus brinquedos. As músicas melancólicas embalam a vida de Rob e ele não sabe se tornou-se melancólico por causa delas, ou se já era infeliz e refugiou-se nas canções. Segundo Nick Hornby, em entrevista concedida à imprensa espanhola, é a própria sociedade de hoje que não nos encoraja a crescer. Esse não é um fenômeno isolado, por isso tantos homens se identificam com a melancolia e a falta de perspectiva de Rob. Não existe fronteiras para os sentimentos. “Quando li *High Fidelity*, de Nick Hornby pela primeira vez, fiquei ao mesmo tempo emocionado e assustado. Como, de tão longe, vinha um relato de uma juventude, de

uma geração, tão parecida com a minha? Então não existe mesmo diferença entre os quintais e fundos de armários de Ingleses, Americanos, Curitibanos, Romenos...?” (Guilherme Weber, intérprete de Rob, ator da Sutil Cia de Teatro)

Esse homens desiludidos espalhados pelo mundo inteiro, como o pobre super-homem, do canadense Brad Fraser, vivem em constante conflito com o mundo, que tentam entender a todo custo. Na narrativa de Hornby os homens aparecem fragilizados, em crise, desencorajados e inertes frente à inteligência e dinamismo femininos. Os homens não se preocupam com o futuro, vivem o presente, com muito sexo e muita música pop. As relações afetivas não duram e os reflexos da separação se prolongam tempo demais. Esses homens não possuem projetos individuais, muito menos coletivos. Como afirma Rob: “Agora vejo que nunca levei a Laura à sério. Sempre tive um pé fora da porta... o que me impediu de fazer muitas coisas. Como pensar no meu futuro e... Acho que fazia mais sentido me dedicar a nada. Deixar as opções em aberto. Isso é suicídio. Em ínfimos incrementos.”

Alta Fidelidade é um espelho em que nos vemos refletidos, é uma espécie de retorno à nossa adolescência, quando o importante era namorar e ouvir música pop no último volume (para desespero dos pais), sem compromisso com nada ou ninguém. Guardamos de Rob o distanciamento necessário para não nos envolvermos e, ao mesmo tempo, a proximidade que nos faz iguais. Tanto o filme quanto o texto espetacular nos trouxeram Rob, sua imaturidade, seu medo de compromisso, sua falta de perspectiva e projetos para o futuro. Nas duas propostas a identificação do público com a história de Rob foi a mesma. Todos de certa forma inspiraram esse Rob e, por esse motivo, se vêem espelhados nele. O distanciamento da tela ou do palco não nos protege dessa melancolia de Rob, não é o suficiente para evitar que, ao ouvirmos a trilha sonora de seus cinco fracassos, não nos recordemos de pelo menos um dos nossos.

Serviço:

➤ Alta Fidelidade (EUA, 2000)

Título Original: High Fidelity

Direção: Stephen Frears

Roteiro/Adaptação: John Cusack,

Elenco: John Cusack, Iben Hjele, Todd Louiso, Jack Black, Lisa Bonet, Lili Taylor, Catherine Zeta-Jones, Tim Robbins, Bruce Springsteen, Joan Cusack.

Trilha Sonora: John Cusack

➤ A vida é cheia de som e fúria (Brasil,2000)

Título original: High Fidelity

Direção e adaptação: Felipe Hirsch

Elenco: Guilherme Weber, Erica Migon, Márcio Abreu, Maureen Miranda, Taís Tedesco, Edson Rocha, Caio Marques, Rosana Stávis, Máira Weber, Fabíola Werlang

Cenário: Felipe Hirsch

Figurinos: Erica Migon

Iluminação: Beto Bruel

Trilha Sonora Original e Sonoplastia: Rodrigo Barros Homem del Rei e L. A. Ferreira